

# Profissionais de LIBRAS: conhecendo as diferenças II

Assistente Educacional

Suzana Alves de Souza<sup>1\*</sup>

*Boa tarde! Eu sou Suzana, professora de alunos surdos, intérprete de LIBRAS e guia-intérprete de surdo-cego. Eu estou aqui para dividir um pouco da minha experiência como professora e sobre como funciona a relação entre o professor e o Assistente Educacional em LIBRAS.*

*Para começar, eu quero saber: quantos são surdos nesta plateia? Quantos ouvintes professores de surdos? Quantos ouvintes professores de surdos que trabalham com um Assistente Educacional junto, com um surdo adulto em sala de aula? Quantos professores surdos?*

*Bem, a primeira vez que vi a função de Assistente Educacional Surdo foi na Escola Paulo Freire, em 2007, e lá foi a primeira vez que eu de fato atuei como professora regente de uma turma de alunos surdos. Antes eu já estava trabalhando com surdos em atividades individuais, eu dava aulas particulares a surdos em casa, como reforço escolar. Tinha feito o CEAD aqui no INES, estágios no SECAF, no SEDIM, no CAAF e em outras escolas de surdos, mas a primeira vez que eu de fato fiquei com uma turma de alunos surdos foi na Paulo Freire. E lá, quando cheguei, ao início do ano, vi que estavam organizando as turmas, quem seriam os professores de cada turma e quem seriam os Assistentes Educacionais de cada turma. E aí fiquei pensando: “Assistente Educacional? O que é isso?” E alguém que já trabalhava na escola me falou: “É um surdo adulto que vai ficar junto com você na sala de aula, ajudando na questão da língua de sinais. E eu, na minha arrogância, pensei: “Mas eu já sei língua de sinais! Pra que este surdo vai ficar comigo?” E aí, começaram as aulas, e estava lá o surdo, Wendel, lá parado me observando a aula toda. Senti como se houvesse uma espécie de avaliador me vendo, observando o que eu estava fazendo de errado, e que não fazia muita coisa. E aí eu cheguei novamente a uma professora que trabalhava há mais tempo na escola e novamente perguntei: “Para que eu preciso de um assistente educacional? Eu não estou precisando dele nem estou entendendo a função dele. Ele não faz nada, só eu dou aula, sozinha”. E a professora falou: “Não, se você tiver dúvidas sobre a língua de sinais, ele já estará lá no momento da aula para auxiliar, e também é pra auxiliar na construção da identidade surda desses alunos. Eles precisam adquirir a identidade surda desde pequenos”. E aí novas dúvidas: “Como assim identidade surda?” Eu já tinha tido noção de identidade surda no curso do INES, mas na prática, se era isso eu não sabia.*

---

<sup>1\*</sup> Professora das séries iniciais das turmas bilíngues da Escola Municipal Paulo Freire. Intérprete de LIBRAS e guia-intérprete de surdo-cego.

*E, no decorrer do ano letivo, fui percebendo a importância desse profissional no trabalho na sala de aula. Dúvidas que os alunos tinham nós, como ouvintes, às vezes não percebemos. A carinha de dúvida de nossos alunos indica que, muitas vezes, eles dizem que entendem, mas na verdade não entendem. Então o assistente educacional entra aí, percebendo essas dúvidas e explicando certos conteúdos em língua de sinais, tornando mais claro o aprendizado para o aluno surdo. Para ilustrar essa relação entre o professor e o Assistente Educacional Surdo, vou mostrar um vídeo de uma das aulas em que estou explicando sobre subtração, e entra a atuação do Assistente Educacional para esclarecer o assunto aos alunos surdos.*

*No começo os alunos faziam bastante confusão sobre quem era ouvinte, quem era surdo. Eram alunos que vinham da APADA, já na sua maioria fluentes em LIBRAS. E eles achavam que eu era surda, e por mais que eu afirmasse que era ouvinte, no dia seguinte eu perguntava e de novo eles me respondiam que eu era surda. E muitos alunos são assim, não sabem diferenciar surdo de ouvinte, acham que, só porque uma pessoa usa LIBRAS, é surda, e que todos os ouvintes não sabem LIBRAS. E no dia a dia, nas observações diária dos alunos, eles me viam falar ao telefone. Já o Wendel usava mensagens de celular e explicava sobre isso para eles. Quando um ouvinte entrava na sala por qualquer motivo, eu respondia falando, e Wendel respondia em LIBRAS ou fazendo gestos, se fosse um ouvinte que desconhecia LIBRAS, e assim eles foram construindo vários conceitos.*

*Sobre a identidade surda eu entendi na prática a importância do Assistente Educacional Surdo. A língua utilizada de forma natural tem muito a ver com isso. Todos nós, ouvintes, brasileiros, quando crescemos fomos levados à escola e alfabetizados, aprendemos os conteúdos de forma natural, de um falante nativo da nossa língua, de um falante de português. O professor brasileiro falava em português, já tínhamos um ambiente linguístico em casa com nossos pais e familiares; na tv, nas ruas, tudo em português, e assim fomos ouvindo e formando nossa própria língua. O sujeito surdo, na sua maioria, não tem sua língua natural em casa; a família não sabe LIBRAS, e, quando sabe, aprendeu depois que descobriu que o filho é surdo, então não usou a LIBRAS de berço. A tv não é em LIBRAS, então a criança surda não tem a exposição à língua, as pessoas nas ruas não falam em LIBRAS, a não ser quando encontramos um surdo na rua. Então todo o ambiente linguístico preparado que tivemos e que nos possibilitou formar a nossa língua, o surdo não tem. O único ambiente em que o surdo começa a ser exposto a sua língua natural, à língua de sinais, é a escola, e já a aprende com uma defasagem, porque, enquanto nós, ouvintes brasileiros, começamos a aprender o português desde o ventre materno, ouvindo as pessoas falar, o surdo, na sua maioria, só começa a ser exposto à língua de sinais quando entra na escola. Então observe o atraso linguístico que essa criança tem. E para compensar todo esse atraso linguístico, o surdo precisa no mínimo ter direito a aprender sua própria língua através do contato diário com outro surdo adulto, falante da sua língua, a língua de sinais. Assim como nós, quando pequenos, estudamos com professores falantes do português. E se nossos professores soubessem português, mas fossem na realidade franceses, e falassem o*

*português com um sotaque meio francês? Será que desenvolveríamos a nossa língua de forma natural? Então o fator linguístico tem muito a ver com o porquê do trabalho do Assistente Educacional junto com o professor. Agora, falando um pouco sobre a identidade surda, é necessário que o aluno surdo conheça outros surdos adultos e saiba que existem outros surdos que são adultos, que trabalham e estudam para que outros acreditem nas suas potencialidades e saibam que são tão capazes quanto um ouvinte no exercício de diversas profissões.*

*Voltando a nossa infância, quando éramos crianças e pensávamos que profissão iríamos seguir quando crescêssemos, naturalmente tínhamos alguém como base – ou a mãe, ou o pai, ou algum conhecido que exercia alguma profissão e fazia com que tivéssemos vontade de ser como ele. O surdo também tem direito de passar por essa fase, mas com quem ele vai querer se parecer, se todos os adultos que conhece são ouvintes? Se não conhece nenhum surdo adulto, será que essa criança surda vai acreditar que pode chegar lá? E me lembro até de um livro, O voo da gaivota, que fala da história de uma atriz francesa surda, Emmanuele Laborit, que se lembra de que, quando era criança, só conhecia adultos ouvintes, nenhum adulto surdo, e tinha muito medo de crescer, porque achava que todas as crianças surdas morriam antes de serem adultas e que apenas as crianças ouvintes sobreviviam. Isso porque todas as pessoas adultas que ela conhecia eram ouvintes.*

*A atuação do Assistente Educacional Surdo, no começo, me causou um pouco de resistência, pelo desconhecimento da função, mas eu aprendi na prática, e, aliás, a prática é a melhor escola: eu aprendi a importância desse profissional no processo pedagógico.*